



**UNEB- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E
TECNOLOGIAS CAMPUS XXIII -SEABRA**

MARIA GEISIANE SÁ TELES TEIXEIRA

**DISTOPIA E ALIENAÇÃO: A SOCIEDADE DO ESQUECIMENTO EM
FAHRENHEIT 451**

SEABRA

2025

MARIA GEISIANE SÁ TELES TEIXEIRA

**DISTOPIA E ALIENAÇÃO: A SOCIEDADE DO ESQUECIMENTO EM
FAHRENHEIT 451**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Curso de Letras língua inglesa da Universidade do Estado da Bahia - Campus XXIII, como requisito final para conclusão de curso.

Orientador: Professor. Dr. José Carlos Felix

SEABRA


2025

FOLHA DE APROVAÇÃO


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Inglesa e suas Literaturas.

Aprovado em: 15 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA


 Documento assinado digitalmente
JOSE CARLOS FELIX
Data: 15/01/2026 18:19:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. José Carlos Félix – Orientador
Universidade do Estado da Bahia- UNEB

 Documento assinado digitalmente
MARIA LUIA ARAUJO ALBUS
Data: 15/01/2026 19:59:30-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Me. Maria Lua Albus
Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/UNICAMP

Prof. Me. Igor José Souza Mascarenhas
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

 Documento assinado digitalmente
IGOR JOSE SOUZA MASCARENHAS
Data: 10/02/2026 17:21:49-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ser minha principal base, por me dar força e sempre estar ao meu lado e em meu coração. Ele sempre me mostrou que consigo ultrapassar meus limites e os obstáculos da vida; com isso, sempre busquei cruzar meus caminhos e aprendi a ter esperança e confiança para ir além.

Agradeço aos meus pais Valdetina Alves e Nivaldo Novaes, pelo dom da vida, pelo carinho e apoio em todos os aspectos da minha vida.

A universidade do Estado da Bahia (UNEB), tenho também minha eterna gratidão por ter me acolhido, desafiado, e contribuído de forma decisiva para a minha formação acadêmica e humana.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória, pela dedicação e paciência e por compartilharem não apenas conhecimento, mas também valores que levarei para a vida, aos professores da minha banca, a professora Maria Lua Albus e ao professor Igor José Mascarenhas e também ao meu orientador José Carlos Félix, sou imensamente grata pelo apoio, paciência, compreensão e empatia, o que eu aprendi com todos eles, foi fundamental para conclusão desse trabalho, e para meu crescimento pessoal e profissional.

Agradeço aos amigos e colegas que ao longo desses anos me proporcionaram ensinamentos e debates enriquecedores.

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de estudo a obra distópica, Fahrenheit 451 (2012), desse modo pretendemos analisar a construção da narrativa a partir do contexto histórico que influenciou o autor, evidenciando as tensões políticas, transformações sociais e avanços tecnológicos que moldaram esse período. “Fahrenheit 451” publicado em 1953, transcende sua época ao apresentar uma crítica contundente às formas de controle ideológico exercidas por meio da linguagem e da manipulação da informação, de autoria de Ray Bradbury escritor e roteirista americano, o conto tem como foco central os desdobramentos em torno de uma sociedade totalitária, nesse contexto pretendemos analisar como a linguagem se torna instrumento central, tanto de opressão como de resistência através da análise dos personagens centrais, que são apresentados de modo a revelar suas funções dentro da trama, especialmente no que diz respeito aos processos de controle, alienação e resistência os principais autores que contribuíram como suporte teórico foram: Candido(2006) Moylan,(2014), Foucault (2004) entre outros. Dessa maneira a análise a ser realizada pretende contribuir com os estudos distópicos ao se aprofundar a compreensão das estruturas narrativa e das críticas presentes na construção desse gênero.

Palavras-chave: Distopia, Narrativa, Crítica, Alienação, Resistência.

ABSTRACT

This article focuses on the dystopian novel *Fahrenheit 451* (2012), aiming to analyze the narrative's construction within the historical context that influenced the author, highlighting the political tensions, social transformations, and technological advancements that shaped this period. "Fahrenheit 451," published in 1953, transcends its time by presenting a powerful critique of the forms of ideological control exercised through language and the manipulation of information. Written by Ray Bradbury, an American writer and screenwriter, the short story focuses on the unfolding events surrounding a totalitarian society. In this context, we intend to analyze how language becomes a central instrument of both oppression and resistance through the analysis of the central characters, who are presented in a way that reveals their functions within the plot, especially with regard to the processes of control, alienation, and resistance. The main authors who contributed as theoretical support were: Candido (2006), Moylan (2014), Foucault (2004), among others. In this way, the analysis to be carried out aims to contribute to dystopian studies by deepening the understanding of the narrative structures and critiques present in the construction of this genre.

Keywords: Dystopia, Narrative, Critique, Alienation, Resistance.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
1.1. Distopia e crítica social na literatura.....	8
1.2. Censura, controle ideológico e apagamento da memória	11
1.3. A literatura de ficção científica e o medo do totalitarismo.....	14
Capítulo 2 -Análise do romance	17
2.1. Apresentação do romance.....	17
2.2. Temas principais em análise	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

1.1. Distopia e crítica social na literatura

O conceito de distopia diz respeito a uma representação ou descrição de uma sociedade imaginária onde prevalecem condições de vida, opressivas, autoritárias e desumanas "A palavra "distopia" tem origem no grego antigo, combinando "dys" (mau) e "topos" (lugar), significando literalmente "lugar ruim" sua definição é considerada segundo o conceito filosófico, oposto as utopias, que são conceitos destinados a um lugar ideal, onde tudo é perfeito e harmonioso, sendo assim dois significados amplamente divergentes. As distopias se destacaram especialmente após o século XX quando diversos governos utilizavam as novas tecnologias como meio de controle da população. Nesse contexto, o gênero distópico tornou-se uma ferramenta poderosa de crítica social, com isso as obras literárias que se enquadram no gênero distopia frequentemente associadas a ficção científica, tem se consolidado como um importante instrumento de reflexão e crítica da sociedade que se dedica a compreender as comunidades ficcionais que são comandados por regimes autoritários que forçam uma divisão das camadas sociais levando a uma perda de direitos fundamentais. Segundo Ferreira, (2015,p. 71) trata-se:

[...] da oposição entre o “bom lugar” e o “lugar ruim”. Pois a distopia apresenta um componente de materialidade – trata-se, em sua maioria, de lugares situados no tempo (geralmente no futuro) e no espaço – que o termo utopia não pressupõe em igual medida; cujo oposto seria tão somente topia. Dito de forma resumida, podemos então dizer que a distopia caracteriza-se pela extrapolação negativa do status quo à época de sua funcionalização ficcional; já não nos parece ser cabível falar aqui em superação, como no conceito de utopia.

O cenário opressor característico do gênero distópico, apesar de ser representado como uma projeção futura, mantém forte relação com a atualidade e possibilita uma reflexão sobre a nosso contexto social, em diversas esferas da sociedade e até mesmo do nosso cotidiano, como instabilidades política, econômica e social. Essas projeções muitas vezes, nascem de períodos de crise ou transformação social, como guerras, regimes totalitários ou colapsos econômicos, o final do século XIX até o início do século XX foram marcados pelo desenvolvimento econômico das potências capitalistas impulsionado pela revolução industrial e pelo avanço da ciência e da tecnologia. No entanto, esse progresso veio em conjunto com tensões sociais e desigualdades que em contrapartida a melhoria de vida para os habitantes, esse avanço potencializou a instauração de regimes políticos autoritários e sociedades que se viam normatizadas por éticas de controle absoluto do governo. Diante disso, a distopia e seus desdobramentos temáticos marcaram a história da literatura do século XX, muitos autores se inspiravam em problemas sociais para compor histórias que traziam em suas narrativas questões relacionadas as realidades da época, uma obra literária distópica de maneira geral traz uma narrativa geralmente relacionada ao gênero de ficção científica que aborda sobre sociedades modernas organizadas por regimes políticos ditatoriais que utilizam ferramentas da ciência e da tecnologia para manipular e controlar o pensamento crítico e autônomo dos indivíduos.

O gênero distopia, como um segmento dos textos de ficção científica tem destaque de uma maneira mais contundente a partir dos anos 1970, a trajetória desse conceito em diferentes conjunturas históricas e contextos sociais sinaliza uma mudança significativa do mundo, abrindo espaço para novas formas de imaginação social advindas do pensamento moderno. As obras produzidas a partir da literatura distópica geralmente reproduzem narrativas que servem como advertências ou previsão de uma realidade que pode vir a acontecer, explicitando modernas ideologias e suas limitações geralmente apresentadas de modo extremo construindo histórias focadas na sobrevivência ou exploração do mundo diante de vestígios de guerras, desastres ou revoluções passadas, portanto muitos autores utilizam esse recurso literário como uma forma crítica as estruturas de poder denunciando sistemas políticos autoritários e práticas sociais desumanas, assim como afirma Durão (2020):

A função e a utilidade da literatura distópica, essencialmente de cunho político-ideológico, se justifica ao evidenciar o totalitarismo em suas diversas facetas. A independência do texto literário sobre função e utilidade, é devido a dimensões da experiência estética que necessitam da subjetividade entre o sujeito e a obra literária, uma relação mútua de esforço recompensado com o prazer intelectual e sensorial (Durão, 2020)

A partir disso, o surgimento de obras desse gênero se tornaram cada vez mais frequentes a literatura distópica como gênero literário, e as obras produzidas a partir dessa temática foram fundamentais para refletirmos sobre questões importantes da nossa sociedade e como os avanços científicos e tecnológicos contribuem para recorrências negativas dentro da sociedade, diante disso, muitas obras surgiram para representar essas adversidades, os livros foram os primeiros meios onde as narrativas foram representadas no começo do século XX Yevgeny Zamyatin escreveu o romance que serviu como inspiração para muitas obras recorrentes intitulado Nós, esse romance descrevia a respeito da sobreposição da individualidade em relação ao cotidiano social, foi escrita tendo como base as experiências vivenciadas pelo autor durante a revolução russa de 1905 e 1917, ao refletirmos Admirável mundo novo, de Aldous Huxley, 1984, de George Orwell e Fahrenheit 451 obra escolhida para dar embasamento a esse artigo, podemos afirmar, que as obras distópicas estão interligadas pela sua função de crítica social, que se manifesta na representação de sociedades opressora criadas a partir de problemas reais e ampliada.

Essas obras se relacionam pois compartilham uma crítica contundente às estruturas de poder e aos mecanismos de controle social, evidenciando como o autoritarismo, opressão e manipulação institucional podem comprometer a liberdade individual e o bem estar da sociedade, portanto percebe-se que cada autor aborda essa questão a partir de perspectivas distintas a exemplo desses livros encontramos em Fahrenheit 451 uma sociedade envolta por questões políticas com propensões totalitárias em que a individualidade é determinada em razão dos estado, uma das principais diferenças de Fahrenheit para as demais é o fato da obra ser inserida em um contexto mais realista, o autor se apropria de pequenos acontecimentos inventados de um mundo alternativo diferente dos seus precursores

Embora ambientadas no futuro, ou em realidades alternativas, as obras distópicas dialogam diretamente com questões atuais, o surgimento da modernidade juntamente com o rompimento com a tradição geraram uma série de transformações na sociedade, diante dessas mudanças a literatura segue como uma dos principais meios de exposição da expressão humana e de transformação da sociedade, considerando a importância de tais fenômenos pode afirmar que a literatura distópica é o gênero principal que tem relação direta com a contemporaneidade, uma vez que discute sobre questões sociais que se fazem presente nos dias atuais. Desse modo, os temores presentes nas obras desse gênero podem ser compreendidos como reflexos dos sentimentos compartilhados através da geração de escritores, produtores e do próprio público em um contexto histórico específico. Conforme afirma Antônio Candido (2006):

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p. 30)

Nesse viés as narrativas desse gênero tem se consolidado como um poderoso instrumento de reflexão crítica para a projeção de medos e inquietações presente no mundo moderno, ao construir representações na cultura popular, muitos escritores buscam não apenas apresentar uma visão futurista ou ficcional, além disso, usar essas expressões como ferramenta analítica que visa criticar e refletir sobre o presente, a distopia na cultura popular da atualidade serve como uma espécie de alerta sobre os perigos iminentes caso prevaleça disseminação de autoritarismo e opressão diante do poder representativo de cada civilização, essas representações são comumente vistas em, livros, filmes e outras reproduções culturais que são frequentemente utilizadas para denunciar os efeitos de poder e controle da subjetividade a configuração da sociedade diante da submissão da cultura á civilização.

As obras distópicas a retratarem sociedades marcadas pela desestruturação social funcionam como dispositivo que retrata as tensões sociais contemporâneas revelando inquietações coletivas diante da incerteza do futuro, um dos principais problemas da atualidade diz respeito ao processo de desinstitucionalização que compõe as principais esferas da sociedade, ou seja esse processo refere-se ao enfraquecimento, perda de credibilidade e autoridade relacionada as instituições formais, fortalecendo a descrença em sua efetividade e a capacidade de fazer valer os direitos e responsabilidades, podemos observar esse impasse de forma ampla em muitas instituições ao redor do mundo seja em organizações políticas, escola, família, justiça ou com relação a ciência, esse aspecto resulta na incredulidade da sociedade com as organizações políticas que passam a ser vistas com desconfiança diante de escândalos , negligência ou manipulação política , esse processo revela uma crise de representatividade e uma sensação de abandono social frequentemente explorada em narrativas distópicas.

As projeções literárias desenvolvidas através dessa temática dialogam diretamente com a ficção científica, momentos de crise como conflitos armados, transições políticas ou mesmo eventos marcantes responsáveis por grandes transformações são as principais bases para a construção de narrativas distópicas, seguindo essas definições cabe uma reflexão acerca dos seus

elementos constitutivos e suas características formais e temáticas, os gêneros literários possuem regras, convenções e expectativas específicas, diante disso o autor deve compor sua escrita segundo as observações de tais normas, assim como afirma Tom Moylan “nos permite entender uma determinada obra literária não apenas como um texto individual sujeito a análise imanente, mas também como um que pode ser compreendido historicamente em termos da evolução da forma particular e dos eventos e contradições sociais dos quais faz parte” (2014, p. 30)

Do ponto de vista formal, essas narrativas costumam apresentar características similares, como a ambientação em futuros fictícios, marcado por problemas sociais, cenários urbanos degradados ou sistemas de governo autoritários, além disso, é comum o uso de estratégias que estruturam a narrativa com o uso de uma linguagem social, também é perceptível o enredo frequentemente escrito em terceira pessoa, focando em personagens que enfrentam dilemas morais, vigilância constante, e restrições à liberdade individual que sofrem consequências quando passam a questionar a realidade em que vivem, uma característica central dos romances distópicos é o uso da linguagem como ferramenta para controlar e, portanto, manipular a verdade, as pessoas são obrigadas a serem semelhantes e a se conformar com as regras e expectativas estabelecidas pelo governo. A estrutura narrativa é frequentemente construída através de um enredo linear, cujos fatos seguem uma ordem natural dos acontecimentos, apresentando momentos de tensão e desfechos que introduzem como advertência ou crítica a um determinado tema.

Dessa forma, as obras literárias desse gênero ao apresentarem estruturas formais e temáticas, não apenas constroem universos ficcionais impactantes, mas também nos permite explorar questões importantes da vida real, como controle do governo, justiça social e os possíveis problemas que são comumente veiculados as tecnologias, provocando profundas reflexões acerca da realidade que vivemos.

1.2. Censura, controle ideológico e apagamento da memória

A censura tem se configurado historicamente como um instrumento estratégico de controle social, portanto assume a função de silenciar o poder crítico da sociedade além de restringir o pluralismo cultural, essa é característica principal de uma obra distópica, que revela o medo da opressão por aqueles que detêm o poder, nessa perspectiva, a realidade não é apresentada de fato como ela é, mas as suas práticas e tendências negativas são em muitos casos ampliados o que favorece a construção de aspectos que limitam as sociedades as regras impostas pelo governo. A relação entre a linguagem e as relações macrosociais é também ressaltada pelo pensador francês Pierre Bourdieu ele afirma diversas estratégias pelas quais a linguagem pode ser usada como instrumento de comunicação, mas também como controle, de coerção e de restrição, assim como de condescendência dessa maneira ele afirma que o poder não se manifesta pela força física ou política mas também através da linguagem, da cultura pela hierarquia social das autoridades.

Segundo Bourdieu (1991 : 170), "o que cria o poder das palavras e dos slogans, um poder capaz de manter ou subverter a ordem social, é a crença na legitimidade das palavras e daqueles que as enunciam". (Em outro trabalho, Bourdieu (1977): 652) evoca a noção do "discurso legítimo" e o elabora ao dizer que "uma língua vale o que valem aqueles que a falam, da mesma maneira, igualmente, no nível das interações entre os indivíduos, a fala sempre deve uma parte principal de seu valor ao valor da pessoa que a enuncia". Nessa perspectiva a linguagem não é apenas uma forma neutra de comunicação, mas se torna um instrumento nas relações de poder, é a característica principal das estruturas sociais que atribuem diferentes valores aos indivíduos, naturalizando possíveis hierarquias. Em outras palavras, a linguagem tem o potencial de manter ou subverter a ordem social, o e está diretamente definida como instrumento de controle, desse modo é possível definir quem pode falar, como devem falar e quais falas são socialmente validadas, esse entendimento afirma que todo ato linguístico é também um ato político, diante das relações desiguais de poder que moldam o sentido e o alcance da própria comunicação.

Quando analisamos o poder a partir da visão política, encontramos a definição de poder como a capacidade de impor algo para que seja obedecido e sem que exista possibilidade para desobediência. Em outras palavras, trata-se de um poder legitimado e instituído para garantir a execução da ordem estabelecida configurando-se assim como uma forma de autoridade. Contudo mesmo nessa compreensão é importante lembrar que existem outras manifestações de poder político distinto dessa percepção e até contrárias como acontece na revolução ou nas ditaduras, diante disso muitos estudiosos tratam o tema poder através de abordagens divergentes assim como Foucault afirma:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2004, p. 193)

Nessa perspectiva entendemos que seu pensamento rompe com as concepções clássicas desse tema, para ele o poder não está centrado nem restrito a uma instituição específica ou ao estado, o poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um governante como geralmente acontece na política, para Michel Foucault o poder se manifesta como uma relação de forças, ele está presente em todas as esferas e interações sociais, portanto todas as pessoas estão envolvidas no poder que rege a sociedade e não podem ser consideradas independentes delas ou alheia a elas. O ato imposto pelo governo de atear fogo nos livros realizado pelos bombeiros, nesse sentido, constituem a representação da opressão exercidas sobre os cidadãos no acesso a informação e sobretudo, a cultura como veículo para a formação e o desenvolvimento do senso crítico dando ênfase a ideia da censura como instrumento de privilegio dos governos dos

estados autoritários e totalitários , a instauração desses estados em uma sociedade liderada por um único partido que faz o uso exagerado do controle sistemático da cultura, da arte, da informação em geral e em geral das diversas formas de expressão.

Nesse sentido a proibição dos livros simboliza não apenas a interdição do acesso ao conhecimento, mas também o apagamento da memória coletiva construída através dos anos, reforçando a busca incessante pela homogeneização do pensamento e controle social, esse ato não se limita a uma destruição material, mas também caracteriza o silenciamento e supressão de qualquer forma de pensamento crítica sendo uma maneira de dominação responsável por moldar a mente das pessoas e diminuir as possibilidades de reivindicação.

A narrativa presente em Fahrenheit é abordada de modo a representar a principal motivação diante da proibição dos livros em uma sociedade totalitária, portanto a obra é um exemplo simbólico de resistência diante da limitação imposta pelo governo que faz da leitura um ato criminoso , o livro sempre foi um importante veículo de desenvolvimento e emancipação do homem , numa forma de resistência á superficialização da vida, desse modo as ideias contidas nos livros são entendidas como perigosas armas de resistência aos projetos autoritários, além disso a proibição dos livros geralmente não está relacionada apenas a seu conteúdo, mas também ao poder de reflexão e crítica que eles despertam , a literatura nesse contexto, torna-se uma ameaça ao projeto do governo de controlar a sociedade, uma vez que proporciona questionamentos e aborda múltiplas perspectivas sobre a realidade, sendo assim não apenas uma estratégia de censura cultural, mas também um mecanismo de dominação política.

Ao apresentar um universo em que a literatura é criminalizada, a obra transforma a leitura em um ato subversivo onde a palavra escrita representa uma quebra de paradigmas impostos na sociedade, tornando-se um instrumento de resistência política social e cultural, a especificidade do cenário ficcional desse romance concentra-se na ênfase que é dada ao papel do livro como elemento de formação crítica e de consciência do mundo, ao colocar o fogo como símbolo central da narrativa visa apresentar uma relação carregada de simbolismo e de história, uma possível referência, lembremos da explicação cosmogênica da mitologia cristã , que relaciona a criação do mundo a palavra , assim percebemos o poder que as palavras exercem, associado a perspectiva de conhecimento e como justificativa aos atos que cerca os humanos , como propriamente se faz o exercício do controle social que se deu através do uso das chamas sobre os livros pelas autoridades constituintes.

A importância da memória, e da palavra escrita está muito além da nossa maneira de nos expressarmos, quando pensarmos na palavra, percebemos que ela contém em si os dois elementos preciosos para o homem: a imagem e a ação através disso, conseguimos atribuir significado as coisas, Ao transformar a leitura em um ato subversivo, além de desafiar a ordem estabelecida, é possível ousar imaginar e conceber pensamentos críticos, portanto, a obra evidencia que o conhecimento não pode ser totalmente apagado, pois a memória coletiva e a tradição oral também atuam como formas de resistência.

1.3. A literatura de ficção científica e o medo do totalitarismo

A obra, portanto, insere-se em um contexto histórico marcado por fortes tensões políticas, sociais e ideológicas, o livro foi escrito com base nos medos de Ray Bradbury em relação aos conflitos oriundos do pós-guerra, do macarthismo e da guerra fria configurando-se como uma obra profundamente veiculada aos problemas sociais da época, essas associações são corriqueiras entre os historiadores interessados nesses temas, de modo que também são frequentes as associações que a literatura do gênero fazia nos anos 1940 com influencia dos regimes totalitários, portanto, coincidindo com uma fase de significativa expansão dos meios de comunicação, da modernização tecnológica como a criação do computador e o alcance da televisão a população, e conseqüentemente, da literatura de ficção científica, os acontecimentos entre o capitalismo e o comunismo compõe um campo de estudos que encontra grande respaldo na intensa produção cultural que culminou numa diversidade documental de grande relevância sobre o período. Desse modo, as obras são produtos que carregam em si as influências de seus contextos sócio-históricos, de modo que novas abordagens podem surgir como tentativa de satisfazer as indagações formuladas no momento da vida de cada historiador.

A obra Fahrenheit 451 teve a sua primeira publicação em 1953, neste período o mundo estava passando por uma intensa bipolarização política entre Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), resultando na disputa ideológica denominada de Guerra Fria (1947-1991), Desse modo, Fahrenheit aponta alguns paradoxos fundamentais da sociedade norte-americana que se consolidou principalmente após a segunda guerra mundial, diante de uma atmosfera de marcantes ambiguidades, bem como do período anterior compreendido pelo anos entreguerras, que deu origem ao nazismo e a segunda guerra mundial considerada como a maior guerra já vista no mundo, que dizimou uma grande parte da população mundial entre 1939 e 1945. Esses regimes totalitários impactaram de forma profunda as sociedades em que se instalaram, servindo de inspiração para criação de inúmeras obras de ficção científica, assim como o exemplo de Fahrenheit 451, ao construir seus livros com essas temáticas Bradbury nunca teve o intuito de propagandear nenhuma dessas vertentes em seus livros, ao contrário disso, seu objetivo era discutir questões sociais a fim de chamar atenção para o controle de massas e conseqüentemente aos conflitos que podemos estar submetidos caso não tenhamos consciência e identificamos esses aspectos no modelo social em que vivemos.

A ficção científica, enquanto gênero literário e cinematográfico, tem sido apresentada como importante ferramenta de intervenção crítica. Portanto, não se limita à elaboração de cenários futuristas ou à imaginação de episódios críticos tecnológicos. Diferente disso constitui-se como espaço próprio para reflexão e intervenção do presente. Nos dias atuais, somos constantemente atingidos com projeções do futuro que tentam, de diversas formas, nos informar e alertar sobre problemas futuros. A ficcionalização contribui para revelar as condições futuras que são acessíveis à nossa imaginação ou, simplesmente, algo absurdo diante de uma perspectiva de vida da qual dificilmente teremos acesso. Essas obras apresentam inúmeras possibilidades de exploração ficcional, dificilmente possíveis ou executáveis em nosso mundo atual como por

exemplo, viagens no tempo ou deslocamentos até planetas distantes, inovações tecnológicas voltadas à saúde, aos transportes ou comunicação. Apresentam também dispositivos e universos que ultrapassam qualquer concepção da ciência, pois em seu universo ficcional, a tecnologia já alcançou um nível de desenvolvimento muito mais avançado em comparação a tempos remotos.

A ficção científica, nesse sentido inspira narrativas ambientadas em sociedades futurísticas ou dimensões paralelas que podem assumir um caráter utópico (associado a ideias de perfeição) (pós) apocalíptico (relacionado a destruição do planeta ou à extinção da humanidade) ou distópico (contextos conturbados, marcados por reorganizações sociais que prejudicam sobretudo as classes menos favorecidas), entre outros. O cenário futurístico, no entanto, é uma forma de lidar com o passado e o presente, como afirma Martins:

A ficção científica tem a ver com a representação do presente, da “realidade” de hoje. [...] Como exercício de futurologia, a ficção científica não é lá grande coisa: afinal, é impossível escrever efetivamente sobre o futuro. Ela é mais o mapeamento da nossa inserção no mundo presente, feita de acaso como os acidentes provocados pelos acontecimentos, e de determinação, ou seja, a força considerável do transcurso do acontecido. Na ficção científica, o futuro é metáfora do presente. A obra de ficção científica, ao projetar futuros, problematiza o presente e lança luz sobre o passado. (MARTINS, 2011, p. 139-140)

Para o teórico, portanto, a leitura que fazemos a respeito da ficção científica deve considerar que as narrativas desse gênero estimulam os questionamentos acerca dos problemas sociais, políticos e econômicos anteriores à ambientação ficcional representada. O gênero em questão é uma forma de proporcionar ao leitor, não uma previsão do que está por vir, mas a possibilidade de observar o presente sem desconsiderar o passado, projetando-o alguns passos adiante, para analisar o que já ocorreu em outras épocas e simultaneamente manter-se atento as possibilidades que venham surgir.

As distopias, sobretudo, funcionam como metáforas ampliadas de fenômenos contemporâneos, como autoritarismo, consumismo e desinformação. Quando pensamos na projeção de aspectos futurísticos disseminados através das obras de ficção científica, que pretendem se dedicar aos impasses do presente sem condição imaginada do futuro, curiosamente encontramos projeções passadas que emergem nos tempos atuais, não somente na literatura, mas também nas obras cinematográficas. As obras de ficção científica assumem um papel fundamental na formação do pensamento crítico, estimulando reflexões sobre os limites da liberdade, os mecanismos de controle social e o futuro incerto da sociedade.

A obra, portanto, é uma representação crítica da alienação social promovidos pela censura e controle ideológico a proibição de determinados livros não é um fenômeno exclusivo do século XX, período em que a produção literária atingiu grande destaque, ao longo da história nos deparamos com muitos episódios em que houve a destruição e censura de livros desde a idade média, quando os governos de regimes totalitários como nazista e fascista que assumiram o poder em alguns países europeus, o controle da literatura tornou-se uma prática comum com

proibições e perseguições com as obras consideradas contrárias aos ideais impostos pelo governo.

Coincidindo com uma fase de significativa expansão dos meios de comunicação, paralelamente ao surgimento de novas tendências literárias principalmente dentro do campo da ficção científica o uso da televisão teve grande destaque como fundamental mecanismo de propagação da ideologia capitalista, é perceptível a preocupação de Bradbury com a invasão dos primeiros televisores nos lares de classe média norte-americana, esse dispositivo adquire um papel central na narrativa como símbolo de alienação, a influência desse meio de informação e entretenimento, poderia representar tanto uma atração como distração, um competente instrumento para propagar o conformismo e falsear a realidade, no romance a televisão é representada pelas chamadas Parlour walls, ou seja grandes telas que ocupam as paredes das casas e transmitiam programas interativos que envolviam completamente os espectadores, eximindo-os o sendo crítico do qual necessitam a maioria dos personagens representados na história. A televisão nessa perspectiva é imposta com o intuito de manter a população distraída e conformada com a realidade de modo que não interferisse nas ordens estabelecidas pelas autoridades.

A ficção científica enquanto gênero literário aborda sobre diferentes temáticas acerca de diferentes narrativas, que observam desde os princípios científicos até importantes reflexões da condição humana, nessa perspectiva surge a chamada ficção científica hard, subgênero da ficção científica, que é uma área voltada para ciências naturais de forma mais precisa, ou seja, o objetivo da ficção científica hard é criar mundos cientificamente realistas , um romance que faz uso desse subgênero problematiza a história através da ciência e apropria da mesma para obter soluções, nesse tipo de narrativa geralmente existe coerência com as leis da física, biologia, engenharia entre outras.

Diferente da maioria das distopias, Bradbury se aproxima da fábula filosófica, através de sua escrita ele representa a tecnologia não como fundamento científico, mas de um perspectiva simbólica, os elementos apresentados na obra como as telas interativas, o cão mecânico ou os remédios tranquilizantes não se definem como como objeto de explicação técnica, mas atuam como dispositivos alegóricos que permitem discutir sobre temas como a alienação cultural, censura , e formas do controle social. Desse modo, o uso de elementos científicos cede lugar a uma visão reflexiva acerca da ética, da sociedade e da existência humana, desse modo busca utilizar características da ficção científica não com o intuito de destacar fenômenos tecnológicos, mas para criticar o comportamento humano e as estruturas de poder sob efeito da alienação e do controle ideológico exercido pela tecnologia e mídia, enquanto frequentemente a ficção científica hard busca evidências científicas e a exploração de recursos matérias, Bradbury constrói uma alegoria moral e política, caracterizando-se como uma intervenção crítica sobre a sociedade.

Capítulo 2 -Análise do romance

2.1. Apresentação do romance

Publicada em 1953, Fahrenheit 451 título que remete á temperatura de 451 graus na escala fahrenheit que é o ponto de combustão exato para queimar o papel, reduzindo-o a cinzas a obra, é um marco da ficção científica distópica. O romance foi escrito logo após a segunda guerra mundial (1939-1945) portanto, aborda uma crítica a censura que ocorreu durante alguns regimes totalitários como por exemplo na Alemanha nazista durante o regime de Adolf Hitler (1933-1945 quando houve a censura de livros filmes e outras linguagens artísticas pelo governo, além disso o romance foi escrito em meio ao contexto da guerra fria, época marcada pelo avanço do comunismo, e também pelo desenvolvimento tecnológico e sobretudo, pela ascensão de práticas de censura e controle ideológico, A década de 1950 influenciada pelo Macarthismo, movimento que instaurou um ambiente de perseguições políticas, hostilidade a intelectuais e suspeita generalizada sobre qualquer forma de pensamento considerado subversivo Publicada pela primeira vez nos Estados Unidos a obra se passa em uma cidade dos Estados Unidos em um futuro próximo ao período de publicação da obra, por mais que o nome da cidade e o ano exato não sejam citados em nenhum momento, a marca mais evidente nessa sociedade é o fato de que os livros foram abolidos e criminalizados, sendo a principal função dos bombeiros incendiar bibliotecas e residências de quaisquer cidadãos que possuam qualquer tipo de obra literária ou filosófica.

Nessa perspectiva visa apresentar uma sociedade futurista em que os livros são proibidos pelo governo, afinal são potenciais fontes subversivas que trazem consigo incentivo para liberdade de pensamento, os responsáveis pela destruição desses objetos são os bombeiros que exerciam uma função diferente do seu papel tradicional: eles são responsáveis pela procura e queima de qualquer tipo de livro, o número 451 aparece estampado em seus uniformes , assim como desenho de uma salamandra animal considerado pela mitologia como uma criatura ligada ao fogo, aspecto que era visto como sinal de contentamento pelos agentes, queimar, era visto como algo prazeroso, o romance se insere em um contexto onde prevalece uma sociedade autoritária em que os cidadãos são proibidos de terem tais objetos em suas residências e quem desobedece a essa exigência é punido com a queima deles e em casos de resistência pagam com suas próprias vidas, essa atitude parte de um posicionamento ideológico em que a leitura se configura como uma grande ameaça ás regras impostas pelo governo.

O livro origina-se da insatisfação do autor diante da ascensão de regimes totalitários, principalmente a União Soviética, Alemanha e Itália, e também do desenvolvimento desenfreado da tecnologia, principalmente da televisão como forma de entretenimento, esse dispositivo passou a tomar o lugar da literatura na preferência de opções de lazer no cotidiano das pessoas, portanto destaca a alienação e a uniformização do pensamento através dos meios de comunicação. Diante disso, Bradbury já havia manifestado publicamente sua angústia que sentia diante dos episódios marcantes da história contemporânea envolvendo a destruição de livros como ação de afirmação de políticas totalitárias. Em um depoimento publicado na revista Manchete em março de 1976, o autor explica quais foram esses eventos e como eles influenciaram de maneira decisiva a criação da sua obra.

Eu tenho paixões e sou humano. E, por isso, achei que devia ter medo dos queimadores de livros, a quem odeio de todo o coração. Revoltei-me com o que Adolf Hitler fez em seu país. E com o que Josef Stálin fez no seu. E também com o que acontece na China, cujas bibliotecas todos os anos são visitadas e expurgadas de livros que são queimados. E foi por isso que escrevi o romance chamado Fahrenheit 451.4

A história é contada a partir do ponto de vista do personagem principal Guy Montag, um bombeiro que faz parte de uma corporação de agentes do estado que monitoram a existência de livros e destroem, pois esses objetos eram vistos como maléficis aos cidadãos, deixando os descontentes e improdutivos a princípio ele vivia uma vida feliz, onde se sentia realizado exercendo sua função, seguia uma rotina comum e previsível executando suas funções profissionais sem indagações, sentia orgulho de exercer essa profissão, o que lhe permitia estar em uma posição de respeito na sociedade que a obra retrata.

Queimar era um prazer. É um prazer especial ver as coisas serem devoradas, ver as coisas serem enegrecidas e alteradas. Empunhando o bocal de bronze, a grande víbora cuspiendo seu querosene peçonhento sobre o mundo, o sangue latejava em sua cabeça e suas mãos eram as de um prodigioso maestro regendo todas as sinfonias de chamas e labaredas para derrubar os farrapos e as ruínas carbonizadas da história. Na cabeça impassível, o capacete simbólico com o número 451 e, nos olhos, a chama laranja antecipando o que viria a seguir, ele acionou o acendedor e a casa soltou numa fogueira faminta que manchou de vermelho, amarelo e negro o céu do crepúsculo. (BRADBURY, 2020, p. 21)

Sua vida se resume ao trabalho no corpo de bombeiros e a momentos matrimoniais com sua esposa Mildred, ambos representam o tipo de indivíduo padrão dessa sociedade são o retrato de uma sociedade classe média, com hábitos e costumes moldados de acordo com a padronização cotidiana que era imposta, viviam por cumprir as regras mais opressivas, fazendo uso da tecnologia em excesso e consomem tranquilizante de forma exagerada, Bradbury descreve a vida do casal como cercada de superficialidade, Mildred, apresenta-se como uma personagem refém da sociedade, pois vive em função do que a mídia impõe, ela é uma mulher manipulada e frágil, passa seus dias preocupada apenas com as aparências, é dependente dos programas televisivos interativos o qual se faz mais importante que seu casamento com Montag, tem um espécie de obsessão por adquirir o maior número de televisores para ocupar a sua casa pois sua vida gira em torno dos apetrechos eletrônicos.

Tudo se modifica quando ele conhece Clarisse McClellan uma garota curiosa e questionadora que tem uma perspectiva diferente da maioria das pessoas com relação ao mundo ao seu redor, ela fala sobre felicidade, sobre a natureza, sobre sentimentos com amor e sobre viver, Clarisse revela-lhe que houve um tempo em que os bombeiros agiam diferente da função atual em que os bombeiros apagavam o fogo e salvavam vidas, portanto não eram treinados para queimar livros, através da pouca convivência que tiveram a jovem o influenciou a olhar para vida de outra perspectiva aos poucos, Guy vai se atentando para os vastos aspectos fúteis de sua vida, desde seu casamento até a relação com seus colegas de trabalho e assim, começa a questionar até mesmo sua profissão, o porque de terem que queimar livros, principalmente obras literárias.

Pelas ações da jovem percebemos de forma subentendida, que ela e sua família têm acesso à literatura, e por isso consegue ser tão expressiva, enigmática e ao mesmo tempo sábia, exigindo que o protagonista busque entendê-la.

Até que, em um certo momento, os bombeiros são chamados para atender a uma denúncia de que uma senhora que mantinha de forma clandestina uma grande coleção de obras literárias em sua casa, confirmando as suspeitas os bombeiros começaram a tarefa de incendiar a casa porém um fato gera irritação no protagonista e nos demais agentes: a senhora Blake estava relutante e insistia em manter-se na casa junto com os livros, apesar dos apelos de Montag para que ela se retirasse, assim o capitão Beatty superior de Montag, ordena que casa seja incendiada assim mesmo, coma moradora dentro, esse episódio deixou o protagonista a se questionar quanto valor os livros poderiam ter um dia contudo e de sua decisão de ceifar sua vida juntamente com seus livros isso contribui para o despertar da sua consciência após esse episódio ele decide ler o trecho de um livro condenado a fogueira, até então ele começa a colecionar e esconder livros em sua casa, e assim, passa a questionar o comportamento das pessoas a sua volta tornando-se um indivíduo mais consciente da alienação no exercício da função de bombeiro, a partir disso passa a olhar para a própria vida com outra perspectiva, questionando seus valores, costumes e comportamentos das pessoas a sua volta. Na busca por respostas, Montag procura Faber, um professor aposentado que lhe explica a importância dos livros para reflexão crítica, esse encontro se torna algo decisivo para sua vida impulsionando-o enfrentar a lógica opressiva do sistema.

A sua trajetória se destaca como um dos elementos centrais para compreensão a crítica sociopolítica da obra, uma vez que é descrita a transformação vivenciada por Montag em cada capítulo da narrativa isso coloca em evidência a sua mudança de consciência que retrata o afastamento da ignorância e da alienação, essa mudança acontece principalmente através do seu contato com a literatura, é possível atribuir um sentido literário a personagem da Clarisse, pois ela age como a própria literatura na vida de Montag. No decorrer da narrativa, ela o influencia assim como uma obra literária, em afasta-lo do senso comum, ao demonstrar que as pequenas coisas da vida, são as mais importantes ensinando-o a atribuir valores e sentidos a tudo ao seu redor, levando-o a questionar-se, e principalmente, a viver.

Podemos observar também que a relação de Montag com Faber exemplifica o tipo de postura que nós, leitores, deveríamos assumir diante da literatura: buscar compreender o que a obra diz, perceber que nem tudo é aquilo que parece e nos deixar provocar tanto pelo que é dito quanto pelo que permanece nas entrelinhas. Desse modo, não devemos deixar de instigar, não podemos nos alienar, aceitar passivamente o senso comum ou aquilo que os outros afirmam sem questionamento. Isso também fica evidente na interação entre Montag e seu chefe, Beatty, pois foi justamente a postura autoritária do comandante tão alinhada ao governo e contrária ao contato com livros que acabou impulsionando Montag a se voltar ainda mais para a literatura.

Fica evidente a preocupação do autor ao colocar em destaque a importância da leitura, principalmente da própria literatura, que mostra ao leitor de modo sutil e poético, a profundidade da literatura e de diversos temas, sua importância no desenvolvimento crítico e intelectual da sociedade, a qual demonstrou ser, a principal base para a transformação do

protagonista, a profundidade que ela exerce ao tratar de temas imprescindíveis para a população ao longo dos anos e principalmente a razão de ser uma ferramenta inimiga dos governos autoritários. A partir desse percurso que analisamos, percebemos que, ao longo da narrativa, todas as experiências e tensões vividas por Montag, o protagonista da obra, sofre são de grande importância para que o narrador construa a transformação pela qual o herói passa, transformação essa impulsionada, sobretudo, pela literatura. Seus diálogos com os diversos personagens secundários vão revelando ao leitor, de forma progressiva, como a literatura o constitui, como ela é essencial para a sociedade e de que maneira oferece clareza sobre aspectos importantes que, muitas vezes, são ocultados pelas relações pessoais e pelo próprio governo.

É a partir do enredo futurista distópico que Bradbury fornece uma série de questionamentos sobre os supostos benefícios de uma sociedade guiada pelo consumo que se impõe diante da ameaça comunista, mas que ao mesmo tempo revela certa vocação totalitária disfarçada pelo projeto de felicidade capitalista, um regime totalitário é justamente aquele que busca exercer controle absoluto sobre o indivíduo a partir da nacionalização do corpo como prioridade do estado e de comprometimento com a coletividade ele pertence, para que esse objetivo seja aceito e mantido a liberdade se consumo deve disfarçar quaisquer intenções totalitárias. Mesmo diante de um cenário de crescimento econômico e prosperidade social certos aspectos negativos desses períodos continuavam a exercer forte influência diante daqueles que haviam testemunhado de forma direta ou indireta os ataques que marcaram o período anterior, essas representações, funcionavam como indicadores de que certas mudanças não eram suficientes para apagar os traumas históricos, nem para eliminar a percepção das ameaças políticas e sociais que ainda permeiam na sociedade.

As ambiguidades permeia a história, inevitavelmente, elas não são exclusivas do período em questão, basta lembrar-se do exemplo da Belle époque, que foi um período advindo dos avanços científicos e tecnológicos que ocorreram entre 1871 e 1914 e que foi fortemente marcado por profundas desigualdades políticas e econômicas que culminaram na primeira guerra mundial, ou o período que antecede o contexto histórico do qual Fahrenheit emerge.

É nesse intervalo que o cineasta russo Dziga Vertov, lança o homem com a câmera (1929) e também filmes como Metrópolis (1927) De Fritz Lang, e Tempos Modernos chegam ao público. De modo que as obras trouxeram perspectivas postas para um mesmo fenômeno social, Enquanto Vertov buscou celebrar a integração harmoniosa entre homem e máquina, Chaplin e Lang abordavam por outra perspectiva, viam com desconfiança e perplexidade denunciando em suas narrativas a invasão das máquinas no cotidiano apresentando ao público a sujeição dos trabalhadores à engrenagem tecnológica.

No caso dos Dourados, o estilo de vida predominante era baseado no acesso à bens de consumo como modelo atraente, porém também suscita se uma análise mais aprofundada, o historiador norte-americano Robert Darnton relaciona um crescente consumo da literatura anti utópica; 1984, a revolução dos bichos , admirável mundo novo e variedades do mundo sombrias da ficção científica, a um crescente modelo de dominação social, sustentada pelo consumo e pela ideia de progresso e pela crença no progresso técnico , que ao mesmo tempo em que prometia

modernidade e bem-estar, fortalecia o silenciamento das contradições sociais ocultando as desigualdades estruturais.

Para o historiador, esse momento revela uma tensão estrutural paralelamente ao surgimento de novas tendências literárias que emergem especialmente no campo da ficção científica pós-guerra testemunha também a ascensão da televisão como fundamental mecanismo de propagação da ideologia capitalista, de modo que as imagens, cada vez mais difundidas pelos meios de comunicação de massa, contribuíam para naturalizar valores associados ao consumo, e à ordem social vigente.

Percebe-se a preocupação de Bradbury já no início dos anos 1950, com a invasão dos avanços tecnológicos na vida cotidiana. A sociedade apresentada retrata a ausência de pensamento crítico, essa característica é o resultado do conjunto de práticas políticas e tecnológicas adotadas pelo governo para controlar os diversos modos pelos quais a população pudesse se expressar, nota-se uma preocupação de Bradbury, logo no início dos anos 1950, com a adesão dos primeiros aparatos tecnológicos nos lares da classe média norte-americana o que contribuiu para a transição do comportamento social que integrou os televisores como integrantes das próprias famílias. A influência desse meio de informação e entretenimento justamente por convergir essas duas espécies de conteúdos, apresenta-se na obra como uma atração envolvente, essa e pela mesma razão serve como um competente instrumento para distorcer a realidade vivenciada, eximindo da população o sendo crítico, corrompendo a possibilidade de questionar acerca da própria vivência.

O escritor assume uma postura crítica diante do fenômeno das mídias sensacionalistas que transformam acontecimentos reais em narrativas dramatizadas convertendo a violência apresentada como espetáculo de entretenimento. Em alguns trechos do livro, Bradbury relata a existência de programas televisivos com cenas de violência e destruição, esses programas eram exibidos com o intuito de manter as pessoas entretidas com conteúdos que faziam distanciar da própria realidade, promovendo a dessensibilização do público. Esse aspecto, como se verificou posteriormente intensificou-se nas décadas seguintes com a expansão das redes televisivas e dos aparatos tecnológicos, e em seguida pela lógica dos algoritmos das plataformas digitais que privilegiam conteúdos que tem a função de gerar impacto emocional imediato. A espetacularização de certos conteúdos afasta as pessoas da própria realidade, através disso, surge a preocupação do autor com a sociedade cada vez mais vulnerável à manipulação midiática e a perda da sensibilidade ética frente a dramas humanos reais.

O uso intenso da imagem, expresso na narrativa mostra-se como artifício de controle do pensamento humano, ao oferecer aos telespectadores conteúdos visuais prontos a absorção de conteúdos é facilitada se forma acrítica, ao contrário da leitura, que exige do leitor o exercício da imaginação e da interpretação e a construção do pensamento crítico, não apenas a censura mas também a perda do hábito leitor são aspectos que levam a sociedades um retrocesso diante de um cenário que incentiva a redução da capacidade reflexiva da população.

O desenvolvimento tecnológico, sobretudo a partir do século XX, transformou a vida das pessoas principalmente com relação a disseminação da informação e as formas de socialização. A crescente circulação de conteúdos através de imagens e vídeos curtos impulsionados pelos

televisores e computadores, e mais recentemente através dos dispositivos móveis, redefiniu as práticas culturais e deslocou de forma intensa a centralidade na leitura. A facilidade com que os conteúdos visuais são consumidos exigindo menor esforço cognitivo e oferecendo estímulos imediatos contribui para o enfraquecimento do hábito da leitura, ferramenta imprevisível na interpretação, reflexão e ao exercício da imaginação. Como exemplo disso, os jornais e revistas e as páginas da internet tiveram uma grande mudança, os espaços eram dedicados majoritariamente as fotos e ilustrações jornalísticas e , e sobretudo, conteúdos publicitários , ou seja com o intuito de vender cada vez mais, e informar cada vez menos.

A narrativa, portanto, afirma que o estado de alienação instaurado na sociedade provoca uma espécie de desorientação temporal, pois com a destruição dos registros históricos exclui da memória a origem das coisas, em troca de explicações fornecidas pelas autoridades governamentais sem fundamentação histórica e material, essa desordem também se intensifica pela ausência de referências que permitem aos indivíduos diferenciar a realidade da ficção.

2.2. Temas principais em análise

Ao inserir um contexto de queima de livros em uma narrativa torna-se uma maneira eficiente de destacar o nível da censura presente em uma sociedade da mesma maneira que é, por contraposição uma forma de valorizar a leitura, de modo que tratar o livro como objeto tão poderoso a ponto de se tornar um adversário real dos regimes autoritários, queimar livros , ou até mesmo danificá-los de alguma maneira, sempre gerou na sociedade um certo tipo de desconforto para além da dimensão prazerosa da leitura , sua funcionalidade vai muito além, durante muito tempo os livros funcionavam como o acesso para o desenvolvimento intelectual e acúmulo de prestígio, nessa perspectiva. Assim veem Assante e Feitosa (2015, p. 1):

A leitura, como atividade de mundo em que o sujeito pertence ao domínio dos intelectos capazes de atuarem como cidadãos, é tornar o leitor crítico, não apenas um decifrador de sinais, mais sim um ser cooperativo para construir o universo textual a partir das indicações que lhes são fornecidas pelo autor e, com isso, sendo o sujeito do processo de ler e entender o mundo.

A história mostra como livros e bibliotecas foram e estão sempre sendo destruídos, seja por razões naturais, seja por conta da própria consciência instável dos seres humanos, a prática de queimar livros é um ato recorrente em diferentes momentos históricos, esse fato costuma ser realizado como uma forma de oposição cultural, religiosa ou política aos conteúdos que eles contêm, um dos acontecimentos mais antigos registrados na história foi o episódio da biblioteca de Alexandria, fundada no século III a.c no contexto helenístico dos Ptolomeus, ela reunia um vasto acervo de manuscritos provenientes de diversas tradições que correspondiam a parte significativa do conhecimento sobre a Grécia, mas que se acabou em um incêndio criminoso, esse fato não foi o único após isso, ocorreram outros episódios como a proibição de livros como Index Librorum Prohibitorum, a lista de livros proibidos pela Igreja Católica em 1559, à época largamente contra o avanço do protestantismo, até exemplos modernos de censura, como

os utilizados principalmente após a promulgação do Ato Institucional Número 5 durante a Ditadura Militar Brasileira, em 1968.

Contudo, um dos episódios que foram mais marcantes e até mesmo serviu de inspiração para Fahrenheit 451 foi o "Bücherverbrennung", ou "queima de livros", que aconteceu na Alemanha em 1933, onde Joseph Goebbels, ministro nazista, criou uma iniciativa para alinhar as artes e a cultura alemã com os objetivos nazistas, nesse episódio em uma praça de Berlim, estudantes universitários queimaram 25 83 mil livros considerados subversivos, as obras que eram consideradas "degeneradas" e "incompatíveis" com a ideologia do regime eram destruídas publicamente, esse episódio evidencia a maneira pelo qual a destruição dos livros não se resume como uma ação material, mas sim como um ato de dominação cultural, a queima publica transforma o livro que é tradicionalmente associado ao conhecimento, cuja existência pode ameaçar a ordem social

Diante disso, em seus estudos, Knuth busca avaliar casos de libricídio cometidos durante regimes do século XX, a destruição criminal de livros e bibliotecas promovida por regimes autoritários acontece como estratégia de repressão cultural e política segundo ela, essa prática não se caracteriza como mero vandalismo, mas sim argumenta que a destruição de livros foi desencadeada pelos mesmos impulsos de negação que geraram casos de genocídio ou etnocídio. Em muitas circunstâncias existem indivíduos mesmo aquelas não sujeitas a regimes autoritários consideram a destruição de livros um processo positivo. Knuth, entretanto busca elucidar as motivações por trás do extremismo e dos padrões de terrorismo cultural, e conclui que o que está em jogo no libricídio é nada menos que a preservação e a continuidade do patrimônio cultural comum do mundo. Assim, qualquer pessoa comprometida com a liberdade de expressão e os valores humanistas reconhece a importância dos livros, como ferramenta de conhecimento e identidade coletiva, posicionando-se, portanto, contra a desarticulação das identidades culturais difundidas por governos autoritários (KNUTH, 2003, p. 16).

O fato aterrorizante de queimar livros, não acontece simplesmente com o objetivo de destruir objetos físicos, além disso, é visto como solução eficiente para governos autoritários, como ferramenta de silenciamento, limitar o raciocínio humano, controlar maneiras de se expressar e limitar o acesso ao conhecimento, a destruição das obras escritas caracteriza como processo sistemático de supressão intelectual de origem de regimes autoritários ou através de estruturas sociopolíticas que visam regular o que pode ser dito, lido e pensado, ao abordar essa temática Bradbury visa alertar muito além do objetivo do controle social, além disso, busca manifestar sobre o futuro de uma sociedade que cada vez se distancia ainda mais dos livros.

Na narrativa em questão, temos a representação de um ambiente urbano apresentado como futuro distópico, características comuns dos escritores de ficção científica da geração de Bradbury, o céu acinzentado possivelmente provenientes de sucessivas explosões ao redor do mundo, esses detalhes idealizam uma sociedade envolta a repressão o que repercutia através da proibição da leitura ou de quaisquer gêneros textuais. A construção das casas e edifícios que compõem essa sociedade são construídas com tecnologia avançada anti-incêndios, portanto os bombeiros não são acionados para esse fim, o de apagar fogo, o que justificaria então a manifestação do corpo de bombeiros treinados e equipados de ferramentas de última geração

de prontidão para agir, ao invés de extintores de incêndio a principal ferramenta de trabalho desses bombeiros é o lança chamas, com foco na destruição de livros ou quaisquer materiais que fossem contra a ordem estabelecida, sendo assim o papel dos bombeiros na obra é abordado seguindo uma lógica de inversão total das funções que costumam desempenhar no mundo contemporâneo, tradicionalmente associados a proteção da vida e prevenção de riscos e o combate a incêndios, no romance são agentes responsáveis por patrulhar, investigar e punir quem tivesse posse de livros, essa contradição representa nessa sociedade uma inversão do que acontece nos dias atuais, na narrativa os bombeiros são acima de tudo, uma polícia ideológica.

Essa imposição do governo e o controle exercido pelos bombeiros reflete na maneira pela qual a sociedade é estruturada, a organização social passa a se fundamentar na alienação e homogeneização do pensamento limitando a sociedade e eliminando qualquer forma de autonomia intelectual ao afligir a circulação de livros e restringir o acesso ao conhecimento, o estado redefine as condições de existência dos indivíduos, influenciando-os para uma vida guiada pela superficialidade, pela aceitação e pelo consumo passivo de informações. Ao colocar os bombeiros com uma função pautada pela destruição, e queima de livros, Bradbury pretendeu evidenciar acontecimentos absurdos que com o passar dos anos vão sendo naturalizados pela população, essa inversão de funções atua como uma crítica ao poder exercido pelas autoridades, e muitas vezes existe uma aceitação por parte da população quando práticas consideradas “boas” podem ser ressignificadas para sustentar regimes autoritários.

Montag representa um exemplo de desconstrução do discurso dos bombeiros, ou do homem comum que deixa de viver uma vida resignada as leis, e assim, inicia um questionamento profundo do sistema de dominação proposto pela eliminação literária, diante de outra perspectiva, representa um símbolo de resistência, pois sua trajetória revela a ruptura das estruturas ideológicas que sustentam a sociedade repressiva em que vive, a sua desconstrução não se caracteriza apenas á mudança na sua identidade enquanto bombeiro, mas á desarticulação de um paradigma social que até então, parecia inabalável o deslocamento sócio-político faz com que Montag não apenas se movimenta em direção a sua liberdade, mas também luta para levar as pessoas uma nova perspectiva. Esse movimento contrasta diretamente com o comportamento da sua esposa, cuja postura revela-se oposta.

Mildred apresenta-se como uma personagem refém da sociedade, ela é uma mulher manipulada pelo sistema, descrita como uma esposa satisfeita com a vida que leva, vivendo imersa na realidade transmitida pelos programas de televisão, portanto, apresenta-se como uma personagem refém da sociedade, pois vive em função do que a mídia impõe, vive totalmente absorvida pelas telas interativas e pelos programas vazios que consome diariamente, ela demonstra uma certa imparcialidade com tudo o que acontece a sua volta, não se empenha em estabelecer vínculos emocionais inclusive com o próprio marido, pois vivem como dois desconhecidos dentro da própria casa, a sua rotina se resume na busca constante por distrações, passa horas conectada ao mundo eletrônico, principalmente as “telas” que dominam sua sala envolvidas em programas que a distanciam da vida real, identificando-se com a “família” uma ficção tridimensional na qual ela desempenha um papel roteirizado, é obcecada nas máquinas que facilitam sua vida, e por isso, anseia por uma quarta parede de televisão, o que faz submergir na fantasia para se abster dos papéis de esposa, mãe, como todo ser humano.

Mildred caracteriza a superficialidade e a mediocridade e representa a consequência de uma sociedade que vive uma cultura voltada exclusivamente para o entretenimento, diante do excesso de estímulos visuais e sonoros. A dependência das telas e o uso compulsivo de tranquilizantes comprovam a tentativa de silenciar o desconforto existencial, portanto Mildred não é apenas um símbolo de conformismo, mas é a representação do processo de invisibilidade social que permeia a sociedade em destaque.

O comportamento da personagem através do desinteresse sobre a própria vida e o que existe fora das telas pode ser facilmente relacionado com o que vivemos hoje em dia, um cenário midiático marcado pelo uso excessivo das redes sociais podemos observar um vínculo com figuras públicas cuja visibilidade e prestígio dão a ilusão de proximidade afetiva assim como Mildred passamos a não nos importar com o rumo da nossa vida, é mais fácil aceitar tudo como está por não ter olhar para um objetivo, se iludir é mais fácil e confortável.

A crítica apresentada por Bradbury pode ser facilmente associada à sociedade contemporânea principalmente no impacto das redes sociais e da circulação acelerada de informações, em tempos de fake News, desinformação e discursos censurados sua percepção se tornou ainda mais evidente. A sociedade norte-americana descrita na obra é capitalista, extremamente consumista, insensível completamente alienada e obcecada pela indústria cultural Ao escrever a obra o autor buscou evidenciar que a proibição dos livros não foi a única motivação, mas sim sua percepção de que as pessoas passavam muito tempo em contato com as novas mídias como a televisão , e dedicava menos tempo a leitura , aspecto que se torna comum no mundo contemporâneo onde somos constantemente bombardeados com informações resultante do uso exagerado das redes sociais.

Ao escrever a obra o autor buscou evidenciar que a proibição dos livros não foi a única motivação, mas sim sua percepção de que as pessoas passavam muito tempo em contato com as novas mídias como a televisão , e dedicava menos tempo com a leitura , aspecto que se torna comum no mundo contemporâneo onde somos constantemente bombardeados com informações resultante do uso exagerado das redes sociais.

A mesma regra está escrita nos algoritmos das principais plataformas, A proibição dos livros em Fahrenheit 451 não foi uma decisão autoritária, mas um reflexo do desejo da maioria da população, que escolhiam constantemente o entretenimento rápido e superficial, marginalizando as profissões intelectuais e o pensamento crítico, o governo apenas se apropriou disso, transformando esses hábitos em leis, de forma democrática. Esse movimento evidencia a aceitação da sociedade pelas regras impostas, já que a população habituada ao conformismo, não apenas acolheu essas normas como também passou a reproduzi-las, sem resistir, pois a população vivia condicionada a evitar conflitos e a temer possíveis punições, como vemos na narrativa, a própria população resiste a leitura e evita questionar a realidade em que está inserida, muitas vezes por medo, o que contribui para a manutenção dessas normas fortalecendo a consolidação do controle social.

No entanto, esse fluxo constante de estímulos rápidos, muitas vezes ofusca a produção de conteúdos com temas mais profundos, reflexivos e complexos que exigem do usuário um tempo maior de leitura e interpretação. Embora as redes sociais desempenhem um importante papel

ao contribuir com a circulação de informações e a interação social, quando os conteúdos rápidos e superficiais são os mais relevantes para seus usuários, esse aspecto eleva à formação de hábitos que desestimulam a reflexão crítica da sociedade, nessa perspectiva, a obra nos faz refletir como os dados e as transmissões pessoais podem ser usadas para moldar e até mesmo controlar comportamentos e pensamentos, diante disso, a obra prever muitas das preocupações atuais sobre a inteligência artificial e o uso das tecnologias digitais.

A ficção científica não se limita a projeções de mundos futuristas ou inalcançáveis, muitas vezes é na verdade, um reflexo do presente, livros como Fahrenheit servem como crítica aos dias atuais alertando-os sobre futuros distópicos possíveis, baseados em nossas escolhas atuais, pois questões abordadas no romance permanecem pertinentes mesmo depois de tantos anos, principalmente no que diz respeito a tecnologia, ao consumirmos esse tipo de conteúdo podemos ser capazes de expandir nosso repertório imaginativo em relação ao que pode acontecer, as oportunidades que venham surgir e talvez a ameaças que podemos enfrentar.

Nesse sentido, ao compararmos a obra com os dias atuais, percebemos que ela se aproxima de maneira significativa de nossa vivência contemporânea. Embora não existam bombeiros encarregados de incendiar livros, percebemos que não é do interesse de alguns governos opressores facilitar a formação de cidadãos que tenha plena condição de buscar o conhecimento. Como consequência, observa-se uma população cada vez mais alienada, consumista e disposta a acreditar em tudo o que lhe é apresentado, não apenas pela televisão, mas especialmente pela internet, espaço marcado pela circulação de notícias falsas que geram impactos profundos, como o aumento da violência e a perda de credibilidade nas instituições democráticas. A leitura, por sua vez, promove reflexão e transformação social, constituindo-se como “elemento principal no desenvolvimento da consciência crítica, o que resulta na formação de uma geração questionadora” (SILVA, 2017, p. 8)

Desse modo, para que haja transformação, o ato de ler, o acesso ao conhecimento e a educação tornam-se instrumentos fundamentais, capazes de permitir que os indivíduos compreendam as problemáticas que os cercam. Bradbury apresenta com precisão uma reflexão sobre o elemento central do enredo: o livro. No universo da obra, ele é tratado como algo sem valor, pois os personagens de Fahrenheit 451 (2012), imersos na alienação proporcionada pelos enormes televisores de suas casas, perderam de vista a relevância da leitura e o poder das palavras.

Nesse sentido, o livro, enquanto símbolo da cultura e do pensamento crítico, que possibilita ao sujeito questionar sua própria condição, foi substituído por uma crença no progresso tecnológico altamente avançado. Nessa nova ordem social, as pessoas abandonaram princípios essenciais à vida, como a sensibilidade, a capacidade de sentir e expressar emoções, o apreço em contemplar a natureza e a aptidão para refletir sobre a existência humana. Isso, entretanto, não implica afirmar que todos deixaram de acreditar no poder dos livros. A partir dessas considerações, conclui-se que é de suma importância a prática da leitura, pois contribui para o desenvolvimento crítico do indivíduo, aumentando a conscientização de aspectos importantes ao seu redor, desse modo, Fahrenheit 451 por ser um grande clássico da literatura assume um papel fundamental na transformação dos indivíduos, sendo compreendido como um agente transformador e político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo desse trabalho evidenciou que Fahrenheit 451, mesmo que tenha sido escrita em 1953, é uma obra que permanece atual no mundo contemporâneo sendo imprescindível para compreender os mecanismos de controle, cultural e tecnológico que ainda permeia na sociedade atual. Através da leitura crítica da obra, constatou-se o poder da leitura, por meio da transformação do bombeiro Montag que ao longo da narrativa permitiu-se mudança, teve coragem para sair de um estado de alienação para um nível de subversidade, arriscou a própria vida e o emprego em prol da sua liberdade, movido pela curiosidade e da experiência proporcionada pela leitura.

A narrativa de Bradbury proporciona uma análise profunda acerca de temas como a cultura de massas, alienação e a industrial cultural, temáticas que continuam relevantes nos dias atuais, é necessário observar a obra diante de perspectivas distintas para conseguir compreender as nuances trazidas pelo autor, através de sua abordagem me vi capaz de entender a importância da leitura como potente ferramenta de expressão cultural, como o acesso a literatura pode influenciar nossos hábitos, sendo notável a forma como ela nos incentiva a compreender aspectos de um determinado contexto histórico que se constitui como principal base para formação da nossa sociedade.

A narrativa tem um papel fundamental, nos alertar para a precariedade social causada por formas autoritárias de governo, portanto, aponta que a maneira mais segura de lidar com tais fatores, é através da educação emancipatória, por isso, a obra é uma importante ferramenta para desenvolver a capacidade crítica dos seus leitores, portanto, o romance reafirma a necessidade de preservar espaços de reflexão, diálogo e construção autônoma do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ASSANTE, Lidiane de Souza. FEITOSA, Wesley Gomes. Literatura Infantil: Um Recurso educacional para o Ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Uninorte. IV Colóquio internacional. Educação, cidadania e exclusão: 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11261>. Acesso em 10 de dez. 2022.

BOURDIEU, P (1991). Language and Symbolic Power. Cambridge: Polity Press.

_ (1997). The Economics of Linguistic Exchanges, Social Science Information, 16 (6): 645-668.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e sociedade. Ed. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro 2006

2017. DURÃO, Fabio Akcelrud. Metodologia de Pesquisa em Literatura. São Paulo: Parábola, 2022

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FERREIRA, V. V. Utopia e distopias no século XXI e pós-modernismo. *Revista Papéis*, v. 19, n. 38, p. 64-82, Campo Grande, 2015. ISSN 2448-1165.

KNUTH, Rebecca. *Libricide*. Westport: Praeger Publishers, 2003.

JACOBS, Bob. O mundo fantástico de Ray Bradbury. *Revista Manchete*, 6 mar. 1976.

MOYLAN, Tom. *Demand the Impossible: Science Fiction and the Utopian Imagination*. Edição de Raffaella Baccolini. Oxford: Peter Lang, 2014.

MEYER Susan Sauve, Aristotle Teleology and reduction

MARTINS, Marcos Lobato. Utopia e Ficção Científica. IN: LOPES, M. A.; MOSCATELI, R. (orgs). *Histórias de países imaginários: variedades dos lugares utópicos*. Londrina: Eduel, 2011, p. 131-142.

SILVA, Paulo Cesar Garré. Educação, leitura e transformação sociocultural. VIII Jornada Internacional Políticas Públicas. 2017, Maranhão, [São Luís]. Programa de pós- 50 graduação em Políticas Públicas, Centro de Ciências Humanas - Universidade Federal do Maranhão, 2017. E-book